



**A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ENQUANTO POTÊNCIA DE
FORMAÇÃO HUMANA DE MULHERES TRABALHADORAS DA UNIVERSIDADE DE
VASSOURAS, CAMPUS MARICÁ**

**THE EXPERIENCE OF THE UNIVERSITY EXTENSION AS A POWER OF HUMAN
TRAINING OF WORKING WOMEN AT THE UNIVERSITY OF VASSOURAS,
CAMPUS MARICÁ**

Camila Rodrigues Estrela¹
Fernanda Borges²

Resumo: O presente trabalho visa relatar a ação de extensão realizada pela Universidade de Vassouras, do campus de Maricá, através do Centro de Atendimento em Serviço Social (CASS), em seu Núcleo de Atividade Extensionista (NAE) Mulher, voltado principalmente para o atendimento à mulheres negras e indígenas. A intervenção diz respeito à atividade realizada no mês de outubro, do ano de dois mil e vinte e três, junto à trinta trabalhadoras da referida universidade, em alusão à campanha de prevenção ao câncer de mama, do Ministério da Saúde, com o objetivo de possibilitar um debate crítico quanto à construção social do processo formativo de torna-se mulher, diante do contexto alienante, misógino e machista da sociedade capitalista. A atividade deu-se a partir de uma perspectiva crítica de leitura da sociedade, com um debate coletivo, fomentado através de elementos facilitadores como: dinâmica integrativa, música (letra), vídeo sobre a prevenção ao câncer de mama, confecção de cartazes e relato sobre objetos afetivos, cujo resultado proporcionou uma maior integração entre as trabalhadoras, através do conhecimento de vivências e perspectivas trocadas, como também da ampliação do olhar mútuo para a compreensão ampliada para além das profissionais vistas no dia a dia, podendo perceberem-se enquanto processos sociais individuais e coletivos, muitas das vezes comuns. A fim de contemplar o maior número de participantes, a atividade foi realizada em dois turnos: manhã e tarde.

Palavras-chaves: mulher; extensão universitária; serviço social

¹ Assistente social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Castelo Branco. Especialização em Gestão do Trabalho e da Educação da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (cursando). Docente no curso de Serviço Social, na Fundação Severino Sombra. Coordenadora do Núcleo de Atividade Extensionista Mulher, no Centro de Atendimento em Serviço Social (CASS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0231-7269> E-mail: migracaoesauderj@gmail.com

² Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Assistente social da Fundação Educacional Severino Sombra. Coordenadora do Núcleo de Atividade de Extensão: Juventudes e Direitos Humanos no Centro de Atendimento em Serviço Social (CASS). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8300-267X> E-mail: fernandabn@id.uff.br

Artigo submetido em: 10 de junho de 2023.

Artigo aceito em: 08 de novembro de 2023.

p. 302-315. DOI: <https://doi.org/10.46551/rss202416>

Abstract: The present work aims to report the extension action carried out by the University of Vassouras, on the Maricá campus, through the Social Service Assistance Center (CASS), in its Nucleus of Extensionist Activity (NAE) Woman, aimed mainly at assisting women, black and indigenous. The intervention concerns the activity carried out in the month of October, of the year two thousand and twenty-three, with thirty female workers from the aforementioned university, in reference to the breast cancer prevention campaign, of the Ministry of Health, with the objective of enable a critical debate on the social construction of the formative process of becoming a woman, in the face of the alienating, misogynistic and sexist context of capitalist society. The activity took place from a critical perspective of reading society, with a collective debate, fostered through facilitating elements such as: integrative dynamics, music (lyrics), video on breast cancer prevention, making posters and report about affective objects, the result of which provided greater integration among the workers, through the knowledge of experiences and perspectives exchanged, as well as the expansion of the mutual look for the expanded understanding beyond the professionals seen in the day to day, being able to perceive themselves as processes individual and collective social, often common. In order to contemplate the largest number of participants, the activity was carried out in two shifts: morning and afternoon.

Keywords: woman, university extension, social work

Introdução

O Centro de Atendimento em Serviço Social (CASS) organiza-se através de Núcleos de Atividades de Extensão (NAE's) voltados para a população da cidade de Maricá (Rio de Janeiro-RJ) e é composto, além do NAE Mulher, ainda por mais três núcleos que são voltados para o atendimento às Juventudes, à Infância e à Pessoa Idosa e Direitos Humanos. Todos esses, através do CASS são componentes da extensão universitária realizada pelo curso de Serviço Social da referida instituição. A universidade em questão insere-se no contexto privado/filantrópico e destaca-se por efetivar seu processo formativo de educação superior, através do programa Passaporte Universitário³, na cidade de Maricá, sendo o curso de Serviço Social e o CASS, expressões do mesmo, estando dentro do processo de efetivação da extensão em seu papel social de troca e construção de conhecimento, junto à população que não está inserida no processo de formação acadêmica institucional, mas que todavia, contribui para a retroalimentação do ensino e da pesquisa da universidade.

³ O Programa Passaporte Universitário foi criado pela gestão municipal de Maricá, com o objetivo de investimento na qualificação e formação acadêmico-profissional, através da concessão de bolsas de estudos para expandir e interiorizar a oferta de cursos de graduação e pós-graduação à nível de especialização, mestrado e doutorado, bem como promover a geração de pesquisa e inovação voltadas às demandas locais e regionais. (Maiores informações sobre o programa, acessar: <https://passaporteuniversitario.maricarj.gov.br/>).

RELATO DO CASO

A atividade foi elaborada pela coordenadora do NAE Mulher, Camila Estrela, no sentido de construção de proposta que fosse realizada junto às mulheres trabalhadoras da Universidade de Vassouras, do campus de Maricá, em alusão à campanha de prevenção ao câncer de mama, do Ministério da Saúde, no mês de outubro, do ano de dois mil e vinte e três. A ação foi realizada em dois turnos para que o maior número de trabalhadoras pudesse participar. Ambas seguiram a dinâmica organizada pela coordenadora do NAE Mulher, tendo sido ministrada na parte da manhã, pela professora Elizete Alvarenga e à tarde, por Camila Estrela.

A atividade da manhã foi iniciada dando-se as boas-vindas para todas as participantes e em seguida, foi realizado o pedido de que cada uma se dividisse em duplas para conhecerem-se melhor e em seguida, apresentarem uma a outra. Foram designados cinco minutos para esse momento. Todas as mulheres apresentaram-se e em unanimidade exaltaram as qualidades umas das outras e palavras como: forte, determinada, doce, dedicada, superação destacaram-se nas apresentações.

Seguindo com a dinâmica, Elizete Alvarenga, iniciou a apresentação do CASS falando sobre os NAE's existentes e houve a distribuição de flyers informativos sobre o Centro que foram entregues pela assistente social Camila Gomes, em seguida, houve a apresentação de Fernanda Borges, enquanto assistentes sociais e coordenadoras dos NAE's Envelhecimento e Direitos Humanos e Juventudes, respectivamente.

Professora Elizete iniciou apresentando a proposta do encontro a partir da concepção crítica que constitui o Serviço Social, bem como o NAE Mulher, explicando que o encontro teria como proposta a problematização do papel da mulher e de sua construção e conseqüentemente, desconstrução, na sociedade capitalista. Ressaltou para tanto, que as mulheres estão inseridas em uma sociedade patriarcal, sendo vistas muitas das vezes, como submissas, "rainhas do lar" e "donas de casa", mas que naquele dia, a proposta seria verem-se na condição de "rainha", no sentido da protagonização da própria história, e convidou às mulheres a sentarem-se no "trono", representado por uma cadeira colocada em destaque, para

que pudessem admirar e contemplar algo que estava dentro de uma caixa entregue a cada uma que ali sentasse.

Nesse sentido, cada mulher olhava sua imagem refletida e eram questionadas pela professora o que achavam do presente que estavam vendo na caixa e se gostariam de dizer algo para o que viam.

Todas as participantes, sem exceção, emocionaram-se ao contemplar sua imagem e ao descrever o que viam, pronunciando palavras para si. Surgiram nesse contexto, colocações diversas, como uma delas, ao colocar que estava numa fase da vida em que ainda não se reconhecia no espelho, sendo uma mulher em construção, por estar morando sozinha naquele momento, e por isso, vivenciando uma experiência ainda difícil de se reconhecer, mas querendo dizer mais "nãos" do que "sims" pela vivência dessa fase de reconstrução, dizendo que para que a plenitude de suas filhas se desse, ela também precisava ser plena, porque "o filho" vê a imagem dos pais.

Elizete fomentou o debate trazendo a frase da professora Dr^a Yolanda Guerra, assistente social, "Quem cuida de quem cuida?", buscando refletir sobre o papel social construído de que a mulher é quem mais se sobrecarrega no cuidado com os outros.

Em seguida, foi colocada a música "Maria, Maria", de composição de Milton Nascimento e Fernando Brant (1978). Juntamente com a música, foi exibido o videoclipe que ilustrava mulheres encenando e demonstrando sua forma individual e coletiva de expressão. As participantes foram acompanhando pela letra que fora distribuída anteriormente.

Houve também o relato de uma participante que se emocionou com a música ao lembrar-se de sua mãe no trecho "é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre", lembrando a força e a coragem de sua mãe e do quanto isso acaba sendo uma necessidade para as mulheres.

Foi colocada por uma participante a importância de se olhar, ressaltando que a mulher sempre teve que ser dona de casa, mas hoje além desse papel, ela tem que cuidar de muitas outras coisas, continuando com todos os compromissos, mas que é possível trabalhar e galgar sua independência financeira.

Outra participante comentou sobre a fala do legado deixado pela mãe da participante, ressaltando que todas sempre estão aprendendo, onde cada geração é diferente uma da outra e finalizando dizendo que "Ainda que a gente morra o nosso nome vai ficar. E como a gente vai ser lembrada?"

Foi falado também que todas as mulheres encaram batalhas, dizendo que as mulheres são "Marias" por natureza, mulheres batalhadoras com suas raízes e com suas cicatrizes. Mas é justamente esse processo que faz com que sejam mais fortes também e foi destacado um trecho da música sobre a necessidade de se ter fé.

Elizete contou sobre sua mãe, sobre a fome. Disse que ela sempre estava com um sorriso no rosto e que apesar de todos os problemas, não se deixava abater. Trouxe que sua mãe tinha uma estratégia de valorização do estudo. Contou que prometeu a si mesma que ia estudar muito para dar uma vida melhor para sua mãe, o que não foi possível porque falecera bem cedo, mas que mesmo assim, continuou sua caminhada de estudos e trabalho. Considerou-se privilegiada porque, dentre seus irmãos, pôde estudar e viver melhores condições de vida, e concluiu expressando o desejo de que todas as mulheres possam também tornarem-se inspiração para outras mulheres.

No ato da inscrição, foi solicitado, a cada participante, que levasse algum objeto afetivo para o encontro e as apresentações dos mesmos trouxeram uma grande diversidade de momentos de vida. Uma participante trouxe suas medalhas que ganhou em sua breve jornada como jogadora de futsal e que era algo que gostava muito, mas não conseguia mais fazer, sentindo por isso, muita saudade.

Já outra, levou o violão, relatando que desde novinha sempre foi apaixonada por música, além de contar que gostaria de aprender a tocar violão, mas não tinha dinheiro e emocionou-se ao compartilhar seu desejo. Informou que a tia tinha um buffet, e que trabalhava com ela para conseguir dinheiro. Sua avó tinha um violão antigo e deu a ela para trocar a corda. Mas seus tios donos do buffet onde ela trabalha, presentearam-na com um violão e sua lembrança é de ter chorado muito de alegria, na ocasião. Ela contou que aprendeu a tocar sem pagar por aulas e disse gostar muito de tocar, sendo algo que faz muita diferença em sua vida.

Outra participante relatou que estava passando por um momento muito difícil, colocando que em um momento da minha vida, passou por um relacionamento abusivo e afastou-se das pessoas que amava. Disse que sabia que eram coisas que muitas mulheres passavam e sempre dizia que não passaria por isso, quando viu-se dentro de um relacionamento sem conseguir sair. Perdeu sua fé e não acreditava em nada. E foi através de uma conversa com sua filha que lhe disse: "Mãe, a fé a gente constrói. Então se a gente perde a gente reconstrói." E foi apresentada pela filha à técnica de meditação "ho'oponopono", além de ganhar de presente um "japamala" confeccionado pela própria filha. Relatou que ao fim dos 21 dias reconstruindo sua fé, recebeu uma proposta de emprego em outra cidade e aceitou. Outra mulher do encontro levou uma fotografia antiga. Disse não conseguir jogar fora porque lembrava suas filhas e seu casamento, dizendo ser muito apegada à foto e por isso, não conseguia desfazer-se dela.

Foi levado também um terço. A participante disse ser católica e ter sido convidada para o encontro de casais. Colocou que seu marido fora casado na igreja e que mesmo assim, tinham sido convidados para estar no encontro. Relatou que seu marido pediu a anulação do casamento dele e agora estavam no final do trâmite. E que se apegava sempre a sua fé.

Teve também a participante que levou seu documento de identidade porque com ela, lembrava-se que era filha de duas mulheres. O sobrenome Fortunato porque era filha da Tereza e Magalhães por causa de sua mãe Alcina, sua avó. Ambas já haviam falecido. Sua mãe Tereza teve câncer e quando descobriu, já estava bem avançado. Sua avó Alcina também teve câncer, mas descobriu cedo, operou e ainda viveu mais 30 anos, e ressaltou com isso, a importância do cuidado. Aprendeu com sua mãe que os pais não são perfeitos. E sua avó que foi uma mulher de fé e perseverança, e que o maior legado que ela deixou-lhe foi a fé. E deixou um recado sobre o cuidado, dando o exemplo das duas mulheres em sua vida, onde uma se cuidou e a outra não teve como.

O celular foi um objeto trazido por outra participante por ser um meio de conversa com a família. Explicando ser através dele que ela monitora sua família, seus filhos e seu marido. Para ela é uma forma de estar com eles sempre por perto.

Outro objeto trazido foi a bíblia. A participante ressaltou que quer sempre fazer o que é da vontade de Deus e disse que acha que a fé é algo em comum, e por isso quer sempre ser uma pessoa melhor, alguém que tenha princípios. O segundo objeto levado pela mesma participante foi sua aliança por lembrar-lhe sua família, aquela que ela construiu. Por isso, pra ela, ter uma família e servir ao "senhor" com sua família, é algo muito importante, por ter vindo de uma família que não tinha muita perspectiva, pela falta de estudo de sua mãe e do alcoolismo de seu pai.

Ainda na perspectiva de partilhas de vivências e experiências, outra participante colocou sua vontade de compartilhar uma conquista com o grupo, relatando que começou a namorar cedo demais, mas acabou casando para sair de casa, dizendo que casou e ficou presa, tendo dois filhos dessa relação, quando não queria ter nenhum. Mas agradece a Deus por ter tido. Disse que casou-se na expectativa de se separar. Mas conquistou sua casa e separou-se há três anos. "Conquistei a vida de casada, agora vou conquistar minha vida de solteira." Quando tinha 29 anos de casada, pediu a separação e não lhe foi concedida, recebendo a resposta de que se fosse separar-se, ela quem teria que ir embora. Então, quando fez 32 anos de casada, juntou suas coisas e foi embora. Desde então, vem conquistando suas coisas, vive sozinha em sua casa e conquistou sua liberdade.

Por fim, as participantes realizaram confecção de cartazes, em dupla, expressando o sentido do encontro para elas e em seguida, apresentaram. As falas desse momento trouxeram relatos de como a experiência do dia marcou-as.

Um dos cartazes foi apresentado pela dupla com a reflexão de que independente da escolha da mulher, ela continua sendo mulher. Pode ser o que quiser e continuará sendo mulher. Pode ser: esposa, trabalhadora, dançarina, cantora. Independente da sua escolha, ela é tão mulher quanto todas. Outra dupla trouxe que seu cartaz falava sobre força. Porque as mulheres, em sua reflexão, são fortes. Aguentam tudo, têm força, esperança e vencem. A integrante da dupla citou ainda uma frase que foi dita durante o encontro por outra mulher: "Devemos sempre regar para que floresça."

Foi trazida também por outra dupla, a lembrança sobre a infância, num sentido de reflexão de que todas as mulheres sonham com algo. Por isso, fizemos um desenho de uma

criança, mas trazendo para o cotidiano da mulher adulta. Já a última dupla trouxe desenhos que retratavam a força da mulher. Um desenho de uma mão simbolizando a força e o símbolo do outubro rosa.

Já a oficina do turno da tarde, foi conduzida pela coordenadora do NAE Mulher, Camila Estrela. Inicialmente, as participantes chegaram na sala arrumada, cada uma tinha em sua carteira um panfleto sobre o Outubro Rosa com um bombom de lembrança, além de uma folha com a mesma música da atividade da manhã.

A assistente social Camila Gomes abriu o encontro apresentando-se e na sequência, apresentou o espaço do CASS e os NAE's que o compõem. Em seguida, distribuiu o informativo com as ações desenvolvidas nos espaços.

Em seguida, Camila Estrela deu as boas vindas e explicou a finalidade do encontro que era o debate sobre a mulher no conjunto em que ela se insere, olhando para além do autoexame das mamas, sugerindo uma dinâmica. Camila Estrela dividiu as mulheres em duplas para que as mesmas conversassem entre si e se conhecessem melhor. Logo após, uma iria apresentar a outra para as demais participantes. Todas as mulheres apresentaram-se e contaram um pouco do que conheceu da outra através do diálogo e "puderam se olhar de outro lugar", como destacou Camila Estrela.

Camila Estrela destacou, após as apresentações das duplas, reflexões relacionadas à quanto as mulheres são fortes quando estão unidas, além de guerreiras e determinadas, mas algumas vezes, o mundo pode fragilizar essa força, trazendo a reflexão de pensarem, em quem afinal é essa mulher na sociedade, propondo para essa reflexão, a dinâmica de sentarem-se em uma cadeira, pegar uma caixa na mão, abri-la e olharem para o seu interior, vendo o presente (no interior tinha um espelho) e dizerem o que o mesmo representa. Cada uma pôde expor o olhar que tinha de si mesma.

Diversos relatos surgiram, tais como: muito orgulho da sua própria história, o cansaço por ter que dar conta sozinha de muitas tarefas, inclusive de ser mãe. Já outra participante, se coloca como uma mulher negra, alegre, que fica com o melhor de cada um que encontra e que é um presentão e muito amada e que tem muito orgulho das escolhas que fez. Já outra,

relata que tem muito orgulho do que ela representa e se emociona ao dizer que precisa cuidar mais de si, mas que muitas das vezes, se boicota nesse sentido.

Também houve o relato de quem se vê enquanto um presente forte e ao mesmo tempo delicado. Outra diz que é muito guerreira, que já lutou muito pela vida e se emocionou ao lembrar das histórias que já viveu. Houve aquela que disse já ter passado por muitas coisas, mas todas foram importantes e que é feliz com suas conquistas. Uma das participantes falou também da resiliência de uma pessoa que perdeu um companheiro, que é mãe adotiva, que abriu mão de tudo para cuidar dos filhos e ressaltou a resiliência de quem está voltando a cuidar da própria vida.

Teve a participante que se emocionou, dizendo que é forte, mas que precisa ser cuidada também. Outra, que vive em função dos outros, não sabe dizer não para as pessoas e emocionou-se ao relatar que sente culpa pelo filho depender tanto dela, que se sente uma mulher com muitos problemas, mas esconde muitas decepções, que quer ver as pessoas felizes, mesmo que isso dependa da sua própria felicidade, mas se sente bem assim e não gostaria de mudar.

Tivemos também relatos curtos, como a fala onde a participante colocou que somente se ama, sem entrar em muitos detalhes. Como aquela que se descreveu como um presente muito difícil, possuindo alguns defeitos, mas que tem muitas conquistas apesar das lutas, e que diria para si mesma, continuar.

E por último, a participante que falou ser o melhor presente da face da terra, que lutou muito, passou fome e muitas lutas, que foi assistida por assistentes sociais e hoje está estudando para ser uma. Agradeceu pelas mudanças que teve na vida, que é um presente com muitas cicatrizes, mas que permanece em evolução.

Camila Estrela comentou sobre as diferenças existentes entre as mulheres e seus corpos e como a sociedade machista e patriarcal faz com que as mulheres tenham preocupações que vão além daquelas vivenciadas pelos homens. Citou a preocupação com roupas, gestos e modo de se comportar. Ressaltou também a questão da ideia romântica a respeito da resiliência, questionando qual o preço que se paga por todos os dias levantar e ter que vestir uma armadura e ser forte diante da sociedade e que para tratarem do assunto

relacionado à prevenção ao câncer de mama, seria importante primeiro, refletirem em quem são, enfatizando com a fala: "Antes de ser peitos, somos pessoas!"

Em seguida, foi colocada a música "Maria, Maria" para uma reflexão e foi pedido que as mulheres cantassem juntas. O que ocorreu. Após a exibição do vídeo com a música, a mediadora perguntou qual a parte que chamou mais a atenção das participantes e surgiram colocações como: "É preciso ter força..."

Camila coloca que a dinâmica da mulher que cria e que transforma é a mesma que dá a força da vida e ressalta o trecho da música: "uma mulher que merece", dizendo que todas as mulheres merecem viver e amar, ter sonhos e ter eles alimentados, contrapondo-se às ideias de que para a sociedade "A mulher é um corpo que aguenta mais." e por isso, acaba pesando sobre ela as tarefas do cotidiano do cuidado com os outros.

Uma participante coloca que até nos xingamentos, é à mãe que se faz referência e Camila Estrela acrescenta que a mulher para além disso, recebem títulos de maluca, de descompensada, histérica, sempre ao expressar suas emoções.

Ocorre também a reflexão de uma das participantes dizendo que pensa muito nas mulheres enquanto trabalhadoras que ainda chegam em casa e as tarefas não terminam, que a criação de crianças coloca um peso sobre elas, desde a infância, onde nas próprias brincadeiras reflete-se a responsabilidade por inúmeras tarefas.

Camila destacou que as mulheres às vezes podem reproduzir o machismo quando repetem determinados padrões na criação dos filhos, onde em suas casas, a divisão de tarefas que estão relacionada às de cunho domésticos, são realizadas pelas mulheres e a liberdade para brincar, aos meninos, colocando que a cultura do machismo é perpetuada pela sociedade como um todo.

Camila também ressaltou que as doenças prevalentes nas mulheres como diabetes, hipertensão, obesidade, depressão, anorexia e outras, podem ser resultado do acúmulo de tarefas e sobrecargas das mulheres, e cita ainda que "Quando uma mulher se movimenta, ela movimenta toda a sociedade.", segundo Angela Davis. Trouxe também a questão do feminicídio e do estupro. Violências vivenciadas todos os dias pelas mulheres. E em seguida, colocou a

importância do afeto para a restauração de uma vivência saudável enquanto mulher na sociedade e lembrou que foi pedido que cada mulher trouxesse um objeto, com a ideia de resgatar o afeto.

E os relatos deram-se de formas diversas. Uma participante trouxe uma pulseira dada pelo seu filho com o primeiro salário de estagiário, a pulseira veio da Espanha e é colocada só em dias especiais. Outra trouxe o resultado do teste de gravidez que foi o momento mais especial de sua vida. Teve também a que trouxe a camisa que o filho fez na escola quando pequeno, ainda começando a escrever, a que trouxe uma pulseira de família que onde quer que vá com ela, consegue levar de certa forma, a família junto. Outra participante relatou que seu objeto afetivo é o anel de formatura que a mãe fez questão de comprar.

Uma participante relatou ter uma pasta onde guarda vários objetos do passado e que às vezes olha para matar a saudade. Teve ainda aquela que trouxe os ingressos de todos os shows que já foi e que para ela, desde adolescente, isso expressa o que ela é. Foi falado também a partir de uma foto que uma participante tem em casa com as duas mães (mãe e avó) e que as duas ensinaram muito para ela.

E Camila Estrela ressalta, a partir dessa colocação, sobre a importância das mulheres que vêm antes de cada uma que estava no encontro e que marcaram com suas experiências e ensinamentos. Também foi trazido por outra participante, o anel que era de sua avó, que faleceu aos 107 anos. Camila coloca que "O afeto pelos filhos, pelos avós, pais, irmãos, amigos é o que mantém as mulheres na vida também, para além da força."

Uma participante coloca que se é afeto não precisa estar só em objetos, mas também pode estar no convívio, nos momentos únicos que passam juntos com as pessoas que amam.

Camila relata a passagem que comprou para sua mãe ir para à Bahia, onde as duas viajaram juntas e sua mãe nunca esqueceu. Foi passado, ao final da atividade, o vídeo de prevenção ao câncer de mama (1989), com a participação da atriz Cássia Kiss, para compor a reflexão sobre a importância dos cuidados em saúde e por fim, alguns cartazes são confeccionados e expostos.

DISCUSSÃO

Por vezes, quando pensamos em universidade, inicialmente a atrelamos ao espaço de formação profissional e às pesquisas que podem ser desenvolvidas no âmbito acadêmico. Popularmente a academia é vista como o local em que se formam as/os profissionais que estarão aptas/os ao mercado de trabalho, após alguns anos de estudo. Entretanto, é no interior do espaço universitário que começamos a entender que não se trata apenas de um local para instruir alunos de forma técnica e teórica, mas de um lugar que apresenta aos discentes e docentes um tripé necessário para uma formação crítica. Diante disso, salientamos que o referido tripé engloba o ensino, a pesquisa e a extensão dentro dos espaços de formação universitária.

O fato é que sobre a extensão, apesar de reconhecermos sua importância e sua função social, ainda identificamos pouco conhecimento da população e da própria comunidade acadêmica a este respeito, isto porque a partir do levantamento inicial de informações, analisamos certa escassez de publicações com abrangência nesta área. Neste ensaio propomos-nos trazer os elementos que consideramos mais importantes, a partir de uma ação de extensão realizada no espaço acadêmico, assim, não esgotamos esta temática, mas temos a pretensão de apresentá-la como parte relevante na troca entre universidade e comunidade.

Neste sentido, trata-se de um desafio inserir a extensão universitária junto ao ensino e pesquisa, tanto por representar custos às universidades privadas quanto por ainda existirem barreiras de comunicação entre a academia e a comunidade. Precisamos, antes de tudo, enxergar a extensão como espaço que,

[...] se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018, Art. 3º).

Destarte, organizar uma ação que consolide a extensão como esta ferramenta educacional e pedagógica é o que também a fortalece no interior da instituição. Segundo Amaro e Craveiro (2018) "o fato de a extensão potencializar o acesso ao conhecimento mais

detalhado e verídico da realidade social, no compasso do diálogo e da convivência social próprias do trabalho comunitário, favorece o estreitamento de sua relação com outras dimensões da formação acadêmica". Ou seja, os espaços de extensão universitária tem grande potencial para que a relação acadêmica com a comunidade externa seja de trocas entre ambos, superando o perfil assistencialista para assumir características que propiciam a comunicação dos saberes entre todas as esferas envolvidas (GADOTTI, 2017).

A ação realizada apresentou um potencial para transformar uma campanha, que muitas vezes parte do pressuposto da responsabilização da mulher sobre a prevenção, inclusive sem ter apoio para tal, em uma ação de autocuidado e reflexão sobre o espaço que ocupamos na sociedade aliado à necessidade de se (re) conhecerem como protagonistas das suas próprias histórias. No contexto apresentado, a percepção em relação à extensão tem caráter profícuo pensando a experiência relatada, ao observarmos autores (ROCHA, 2001; GADOTTI, 2018) que tratam a temática da extensão universitária e como mostra a própria resolução⁴ que estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. Para além desta ideação sobre extensão, precisamos pensar seus limites, desafios e analisar inclusive, a forma como está se apresentando nos espaços em que se constrói.

Avaliamos que o espaço de escuta foi atravessado por questões particulares e comuns às diversas participantes da ação. Pensar nos filhos, na família e no cotidiano vivido além de possibilitar a essas mulheres, a reflexão e reconstrução de papéis em suas correlações sociais corroborou com o objetivo do NAE Mulher, que busca proporcionar movimentos sobre as demandas advindas das mulheres negras e indígenas, residentes no município de Maricá, constituindo-se enquanto espaço que possibilite a composição da rede de apoio, integração e cuidado, no que diz respeito a essas mulheres, entendendo-as enquanto sujeitas construtoras de sua própria história. O referido NAE busca traçar estratégias coletivas, tendo como eixo central a história individual e coletiva dessas mulheres, a partir da perspectiva mulherista (URASSE, 2019) em suas específicas visões de mundo, de integração em comunidade e vivências cotidianas em suas trajetórias, necessidades e ressignificações.

⁴ Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando-se por referência a construção histórica do ser mulher (Beauvoir, 2016), cujo processo de feitura implica em diversos atravessamentos históricos e políticos no constituir-se enquanto sujeito no mundo, a atividade pôde proporcionar às mulheres, dentro do ambiente de trabalho, reflexões que demonstraram outros processos constitutivos para além do papel de trabalhadoras.

A atividade que partiu do olhar ampliado para além das mamas, como parte a ser vista e cuidada, no mês de outubro, com a campanha de prevenção ao câncer de mama, proporcionou movimentos de troca de vivências entre as mulheres participantes, e por isso, da desconstrução de papéis exercidos no cotidiano que demonstraram que a força e a coragem da mulher, podem ser elementos que encobrem seus afetos, em detrimento dos papéis sociais que socialmente foram construídos, como a responsabilização principal pelo cuidado de outros, para além do dela.

REFERÊNCIAS

- AMARO, S. CRAVEIRO, A. V. **Extensão Universitária. Potências em Ação**. 1ed. Curitiba. Nova Práxis, 2018.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, vol. I.
- BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire. 2018. Disponível em <https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf> Acessado em: 30 de maio de 2023.
- URASSE, Anin. **Uma introdução aos 18 princípios do Mulherismo Africana**. In: Coleção Pensamento Preto: epistemologias do renascimento africano. Vol. III. São Paulo: Diáspora Africana, 2019.
- ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. **A Construção do Conceito de Extensão Universitária na América Latina**. In: Construção conceitual da extensão universitária na América Latina. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.